

## A PERSPECTIVA DE GESTORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL FRENTE AO PROCESSO FORMATIVO: AVALIANDO PRÁTICAS

Janaina Borges Alves - Bolsista de Iniciação Científica (BIBIC) – UFES

Eldimar de Souza Caetano - Secretaria Municipal de Educação de Vitória

Regiane Lira Duarte - Graduanda em Pedagogia – UFES

Nadyeska Santos Silva - Graduanda em Pedagogia – UFES

**RESUMO:** Esse trabalho é parte de um processo de formação continuada de gestores públicos de Educação Especial da região sul do Espírito Santo, iniciado em 2013. Neste movimento, como uma das estratégias formativas, foi utilizado, em 2015, o formato de colóquio, intitulado “I Colóquio sobre Formação, Pesquisa e Gestão em Educação Especial”, evento realizado na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, cujo objetivo foi dialogar e aprofundar o processo de pesquisa-formação vivido pelos gestores e pesquisadores, para a construção de uma política de formação continuada na perspectiva inclusiva. O evento contou com a participação de gestores da região Sul, secretários de educação e de gestores de outras regiões do estado, professores, estudantes universitários e pesquisadores, promovendo diálogos e trocas de saberes entre os atores. Compreende-se que o colóquio, dentro do processo formativo, colabora e traz reflexões acerca das temáticas de Formação, Gestão e financiamento da educação. Como instrumento de análise foram utilizados os questionários avaliativos do colóquio, aplicados no último encontro. Assim, o texto tem como objetivo compreender/analisar o rebatimento de uma proposta de formação continuada na prática dos envolvidos nesse processo, pela via do que apontam nos questionários. Toma como referencial teórico-metodológico a *pesquisa-ação colaborativo-crítica*, suas bases epistemológicas e metodológicas estão alicerçadas na crítica-emancipatória e na colaboração entre pesquisadores e participantes (Carr&Kemmis, 1988). Logo, aposta no diálogo, que segundo Freire (1980) é o encontro dos homens, é uma exigência existencial, que nos leva a refletir e agir, buscando a transformação. Isso permite entender a análise deste processo formativo, que levou a refletir e aprofundar conhecimento relativo à avaliação de “Eventos científicos”, bem como contribuir para a formação contínua e qualificação das práticas e pesquisas na área de Educação Especial.

**PALAVRAS-CHAVES:** Formação Continuada; Educação Especial; Avaliação de “Eventos Científicos”.

### INTRODUÇÃO

A educação especial tem se deparado com alguns desafios, principalmente no que diz respeito à formação dos profissionais que atuam com seu público alvo.

Mediante a esse quadro e do movimento empreendido nos últimos anos pelo grupo de pesquisa na UFES<sup>1</sup>, que trabalha com a formação continuada, as políticas públicas para Educação Especial e a prática pedagógica inclusiva, é que a partir de março/2013 tem início à pesquisa intitulada *Processos de Formação Continuada de Profissionais desencadeados pela Gestão de Educação Especial: a Região Sul do Estado do Espírito Santo*<sup>2</sup>, que busca investigar tais processos e seu movimento nos lócus de atuação dos profissionais, abrangendo uma perspectiva de formação diferenciada, ao assumir, no grupo de pesquisa-formação, a metodologia da pesquisa-ação colaborativo-crítica (KARR E KEMMIS, 1988), sustentada na teoria do agir comunicativo de Habermas (1987).

Dentre as proposições de formação, o colóquio apresenta-se como via profícua, tendo em vista sua característica de conversa, diálogo entre duas ou mais pessoas, bem como a possibilidade de debate entre especialistas e interessados em determinada área de conhecimento e troca de opiniões e experiências (FERREIRA, 1999).

No que tange à opção desse formato de formação pelo grupo em questão, ela advém das avaliações e propostas dos próprios participantes da pesquisa, no ano de 2014. Assim, em 2015, acontece o “I Colóquio sobre Formação, Pesquisa e Gestão em Educação Especial”, distribuído em três encontros, abordando as temáticas de Gestão, Formação e Financiamento da Educação.

Mediante todo o processo e histórico vivenciado pelo grupo desde 2013, bem como todo o material e dados coletados, nos debruçamos sobre modos/formas de sistematizar um pouco do vivido em 2015, quando do acontecimento do I colóquio, buscando compreender e analisar as implicações dessa ação formativa, nos moldes/formato e proposta de formação continuada pelos gestores em seu cotidiano.

Com a proposta de avaliação do colóquio, no último encontro os participantes receberam um questionário que buscou avaliar esse movimento e suas implicações nas ações dos sujeitos envolvidos, tendo em vista sua ação de

---

<sup>1</sup> Grupo de pesquisa: Educação Especial, Práticas Pedagógicas e Políticas de Inclusão escolar. (CNPq)

<sup>2</sup> Pesquisa coordenada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mariângela Lima de Almeida. (CNPq).

formadores na educação especial, compreendendo o rebatimento dessa proposta de formação, em formato de colóquio, em suas propostas formativas.

Utilizamos o questionário como instrumento de avaliação, como uma via, mediante todos os outros instrumentos disponíveis, para tentar entender como esse tipo de proposta de formação, em formato de colóquio, e seus respectivos encontros, contribuem para formação dos envolvidos, bem como em sua atuação e proposição de outras/diferentes formas/moldes de formação continuada.

### **ASPECTOS TEÓRICOS**

Tendo em vista o conceito de colóquio defendido no presente trabalho, compreendemos sua inter-relação com o objetivo aqui pretendido, qual seja, analisar/compreender o rebatimento desse formato de formação na prática e proposição de propostas formativas, desenvolvidas pelos participantes em seu lócus de atuação.

E, nessa via de diálogos, trocas, negociações e transformação é que entendemos os desafios oriundos da prática em sua fecundidade, tendo em vista os modos como os sujeitos os vivenciam e utilizam para superar e/ou propor outras formas de agir.

Nesse sentido, conceitos como *situações limites* (Paulo Freire, 2005); *tensões* (Meirieu, 2005); *agir comunicativo* (Habermas, 1987); *pesquisa-ação* (Karr e Kemmis, 1988) dão a tônica e subsidiam as discussões e análises referentes ao objetivo proposto e são trazidos como referencial teórico na tentativa de situar o leitor no percurso, facilitar e empreender o diálogo pretendido.

### **AGIR COMUNICATIVO**

De acordo com Habermas (1987), o Agir Comunicativo é mediado pela partilha com o outro, levando os sujeitos envolvidos a refletir e apostar em seu potencial e em sua capacidade de mudança, o que impulsiona os sujeitos a desenvolver o entendimento mútuo, pela via da racionalidade contida no diálogo.

Essa racionalidade comunicativa exprime-se na força unificadora da fala orientada ao entendimento mútuo, discurso que assegura aos falantes envolvidos um mundo da vida intersubjetivamente partilhado e, ao mesmo tempo, o horizonte no interior do qual todos podem se

referir a um único e mesmo mundo objetivo (HABERMAS, 2004, p. 107).

Assim, no Agir Comunicativo ocorre uma diferenciação do mundo objetivo, social e subjetivo; difere o pensamento moderno do pensamento mítico, sendo que ambos assumem diferentes interpretações a respeito da realidade social, da crença e dos valores constituídos na relação do mundo objetivo e social. Onde, segundo Pinto (1995) surge como uma interação de, entre os sujeitos, capazes de falar e agir, estabelecendo relações a fim de chegar a uma compreensão de uma determinada realidade com vistas a coordenar suas ações pela via do entendimento mútuo.

Nesse movimento de diálogo, partilha e possibilidade de mudança, defendida pela teoria do Agir Comunicativo, é que entende a viabilidade da pesquisa-ação colaborativo-crítica como pressuposto teórico-metodológico defendido pelo grupo de pesquisa acima citado e abordado no texto, à medida que contribui para o processo dialógico-reflexivo pela via de grupos de estudo-reflexão entre pesquisadores e participantes, com vistas a construção de novas propostas de formação.

#### PESQUISA-AÇÃO COLABORATIVO-CRÍTICA

O referencial da pesquisa-ação colaborativo-crítica, como já apontado é o que sustenta essa pesquisa-formação, tem como base Carr e Kemmis que trazem uma orientação epistemológica e metodológica alicerçada na crítica-emancipatória e na colaboração entre pesquisadores e participantes.

Desta forma, aposta numa formação pela via do diálogo entre os autores e atores deste processo, onde pesquisador se converta em participante e participante em pesquisador (CARR e KEMMIS, 1988), ou seja, uma parceria, afim de que pesquisadores e participantes se voltem para um mesmo lugar, sendo estes autores do processo e sujeitos de conhecimento, levando assim a um trabalho colaborativo, que visa na constituição de políticas de formação continuada, em prol da escolarização de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, diante da inclusão escolar destes sujeitos.

Um dos pontos fortes da pesquisa-ação, de acordo PIMENTA (2005), diz respeito ao envolvimento dos sujeitos em um objetivo e metas comuns, em que

todos envolvem-se e desempenham papéis diversos. Assim, eles se situam em um contexto mais amplo, o que possibilita a ampliação de consciências dos envolvidos, bem como a transformação de suas ações em seu contexto de atuação.

Zeichner (1993), afirma que a pesquisa colaborativa, por sua vez, possibilita educadores, criar uma cultura de análise de suas práticas realizadas, e transformando suas ações e práticas cotidianas.

A proposta de contribuir para a reflexão das ações, visando às transformações de todos os sujeitos envolvidos, exige inserção nos contextos e suas práticas, com vistas, a melhoria da oferta de serviços ao campo e público-alvo da Educação Especial. Assim, a pesquisa-ação-colaborativa, vem contribuir, pois é um tipo de pesquisa que adquire o adjetivo de crítica e investe na qualificação profissional dos envolvidos, com vistas à transformação de suas práticas.

#### SITUAÇÕES-LIMITES QUE FORJAM INÉDITOS VIÁVEIS

Situações desafiadoras e conflituosas são constantes na ação pedagógica, o que as diferencia é a forma como são encaradas e enfrentadas pelos sujeitos que, de acordo com Caetano (2007, p.20), nesse processo:

[...] muitas vezes são propensos a desconsiderá-las ou a se estagnarem, acreditando não ter condições de lidar com elas. Outras vezes encaram-nas, sob pena de não saberem bem ao certo se a ação/atitude tomada é a mais correta, mas não se furtam mediante o desafio por elas proposto; pelo contrário, por encará-las como desafios é que se impulsionam em sua superação.

Mesmo sendo corriqueiras e frequentes, nem sempre são explicitadas ou relatadas por aqueles/as que as vivenciam e praticam. Ainda assim, por não serem neutras, “carregam a marca da intencionalidade do indivíduo/grupo e das configurações histórico-culturais que o caracterizam como ser humano” (Ibidem, p.20).

Dois autores, em tempos lugares e situações diferenciadas analisam esse tipo de situação: Para Meirieu (2005), elas se configuram em desafios/tensões, ressaltando que as contradições são tônica do ato educativo, em que os sujeitos: podem abandonar arbitrariamente as duas alternativas; oscilar entre uma e outra, a depender do momento. A sanidade humana exige/depende não

da exclusão da contradição, mas de sua utilização e entranhamento em todo o trabalho. Assumi-la em sua fecundidade, pode contribuir para a invenção de dispositivos que permitam integrar estes dois pólos.

Freire (2005) denomina-as situações-limites e alerta para o fato de que, dialeticamente, há tanto condicionamentos como liberdade humana nessas situações, ou seja, se encaradas como “freios”, força inibidora e geradoras de desesperança, configuram-se em obstáculos à libertação; por outro lado elas podem se configurar na margem real em que começam todas as possibilidades, ultrapassando “as fronteiras entre o ser e o nada” ao alcançar a “fronteira entre o ser e o ser mais (mais ser)”.

[...] no momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a se empenharem na superação das “situações-limites”. Esta superação, que não existe fora das relações homens-mundo, somente pode verificar-se através da ação dos homens sobre a realidade concreta em que se dão as “situações-limites” (p. 104).

No processo de superação e rompimento da “situação limite”, vislumbra-se o que Paulo Freire denomina “inédito viável”; trata-se de algo ainda não claramente conhecido ou vivido, mas que, sendo sonhado, toma a dimensão do “percebido destacado”.

E é assim nas ações que se constituem em “atos-limites” ao se projetarem para além das “situações-limites”, concebendo o inédito viável, pela via do “percebido destacado” que percebemos as possibilidades de uma formação continuada que, na processualidade e dinâmica da prática, forja o professor enquanto pesquisador de/em sua própria prática.

A compreensão desses conceitos se torna imprescindível, tendo em vista a importância de se compreender a concepção aqui defendida e acreditada. Assim, formar-se continuamente é uma tônica do ser humano; tal formação se origina no próprio contexto em que se configuram as práticas e nela, se apresentam as tensões, situações-limites e as negociações possíveis no contexto, ou seja, o entendimento mútuo. Assim, os encaminhamentos dependerão da forma como os sujeitos lidam com as situações, isto é, podem ser percebidas e assumidas, e constituir-se como possibilidades de superação, rompimento de barreiras e obstáculos.

## **DESENVOLVIMENTO**

Para a análise, aqui proposta, consideramos o ano de 2015, quando do I Colóquio sobre Formação, Pesquisa e Gestão em Educação Especial, promovido pelo grupo de pesquisa em Educação Especial, “Formação de profissionais, práticas pedagógicas e políticas de inclusão escolar” (GRUFOPEES)<sup>3</sup>, que teve como objetivo dialogar e aprofundar o processo de pesquisa-formação vivido pelos gestores públicos de Educação Especial e pesquisadores, para a construção de uma política de formação continuada na perspectiva inclusiva. Foram abordadas as temáticas de Gestão, Formação e financiamento da educação.

Os colóquios foram pensados, a partir dos encontros, seminários, atividades coletivas e trocas de informações entre gestores da Educação Especial, do Estado do Espírito Santo, que apontavam a necessidade de troca de experiências numa proposta de outras/novas práticas, que contribuíssem para melhor atendimento aos estudantes público - alvo.

Pensou-se, assim, em uma metodologia contrária à lógica positivista, primando pela aproximação entre os sujeitos, tendo em vista o trabalho em conjunto e o processo de auto-reflexão necessário à superação/enfrentamento de desafios vividos, pela via do compartilhamento de experiências.

Durante os encontros entre os participantes, foram percebidas algumas demandas do grupo, que abrangiam diversas questões relativas à Educação Especial, envolvendo Formação Continuada, Política, prática pedagógica, Gestão e Financiamento.

A partir dessas demandas, o colóquio foi organizado em 3 (três) encontros, cada um acontecendo em um dia específico (8 horas), dividido em dois momentos: turno matutino - mediado por convidadas pesquisadoras das temáticas específicas do encontro; turno vespertino - grupos de trabalhos específicos para dialogar sobre a temática e textos propostos, pelos

---

<sup>3</sup> Grupo registrado no CNPq em 2015, oriundo do projeto de pesquisa e extensão denominado “Processos de formação continuada de profissionais desencadeados pela gestão de Educação Especial no Estado do Espírito Santo”, coordenado pela Professora Doutora Mariangela Lima de Almeida.

pesquisadores palestrantes<sup>4</sup>, para leitura. Bem como, encaminhamentos e compartilhamento de questões específicas de cada gestor/participantes.

## **METODOLOGIA**

De acordo com o aporte teórico-metodológico desta pesquisa, os princípios da *pesquisa-ação* colaborativo-crítica, suas bases epistemológicas e metodológicas encontram-se alicerçadas na crítica-emancipatória (CARR E KEMMIS, 1988). Aborda-se, assim, neste texto, em uma análise geral, aspectos quantitativos e qualitativos, tendo os últimos, primazia sobre os primeiros.

Segundo André (2001), a utilização de métodos mistos em pesquisa, tem sido crescente em inúmeros campos do conhecimento, sendo os elementos qualitativos e quantitativos importantes na obtenção de resultados em abordagens investigativas, proporcionando ganhos relevantes para as pesquisas complexas realizadas no campo da Educação, diminuindo as possíveis dificuldades, podendo produzir resultados importantes, e também orientar em caminhos promissores a serem explorados por pesquisadores e educadores.

Diante da riqueza oriunda de práticas de cunho qualitativo, e das possibilidades de quantificação de inúmeras variáveis que podem ser analisadas na esfera da Educação, há um amplo leque de caminhos investigativos a serem explorados na realização de pesquisas que envolvam os processos de ensino e aprendizagem.

Houve muitos conflitos, entre as formas de abordagens de métodos entre as pesquisas, e ao longo da década de 90, os conflitos começaram a ser amenizados, proporcionando um movimento para que crescesse, nos pesquisadores, o domínio das diferentes abordagens utilizadas para a pesquisa em Educação (ANDRÉ, 2001, p. 53-54).

---

<sup>4</sup> Contribuíram como convidadas e pesquisadoras: 1º encontro - Profª. Drª. Rosângela Gavioli Prieto (USP); 2º encontro - Profª. Drª. Márcia Denise Pietsch (UFRRJ); 3º encontro – professora Drª. Marileide Gonçalves França e Profª. Sueli Mattos de Souza.



Creswell (2007), afirma que, no método misto, o pesquisador baseia a investigação supondo que a coleta de diversos tipos de dados garanta um entendimento melhor do problema pesquisado.

Assim, tendo em vista a perspectiva teórica-metodológica adotada, a partir da identificação da necessidade do grupo participante da pesquisa, buscou-se compreender quais aspectos eram relevantes no processo formativo vivenciado, como formular um instrumento que incentivasse um maior envolvimento e seu retorno, e ao mesmo tempo, permitisse uma sistematização mais ágil e objetiva. Optou-se, assim, pelo questionário como instrumento avaliativo.

O instrumento (questionário) contou com questões fechadas e abertas; as questões fechadas contemplaram aspectos relativos à organização, conteúdos, discussões e envolvimento pessoal; as questões abertas disseram do envolvimento pessoal nos grupos de discussão e sugestões gerais relativas a proposta de formação.

Tendo em vista que no último encontro, o qual foi aplicado o questionário avaliativo, estavam presentes 34 participantes, destes, apenas 25 devolveram os questionários respondidos, sendo estes enumerados de 1 a 25 e os respondentes identificados como G1, G2, G3, etc. As questões fechadas e abertas foram contabilizadas e organizadas em tabelas e gráficos para melhor composição e análise dos dados. Nas questões abertas utilizamos a classificação das respostas segundo seus sentidos, com emparelhamento de sinônimos e dos sentidos próximos.

*A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos (FRANCO, 2003, p. 51).*

Dessa forma, a categorização da análise aqui presente parte do levantamento dos dados, em busca de possíveis transformações de práticas e reflexões e diálogos sobre esse movimento.

## **O QUESTIONÁRIO AVALIATIVO COMO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

Tendo em vista responder ao objetivo deste trabalho, que visa compreender/analisar o rebatimento de uma proposta de formação continuada na prática dos envolvidos nesse processo, o foco está voltado para a análise da avaliação feita pelos participantes no último encontro, pela via do que apontam no questionário. Nesse sentido, buscou-se, inicialmente, nesse instrumento, pistas sobre possíveis contribuições da ação formativa na prática dos participantes.

Assim, trazemos neste momento dados obtidos nas questões abertas deste questionário, onde delimitamos nossas análises, ao que diz respeito o que os respondentes disseram da contribuição desta formação em sua prática.

As discussões foram intercessores importantes para (re) pensar o que temos trabalhado no município na gestão em Educação Especial. (G12)

Palestrantes como a Profa Dra. Marcia Denise que muito contribuiu nos meus trabalhos, no meu município junto as profissionais da EE. (G1).

As discussões nos trouxe informações para melhorar nossas ações nos municípios. (G20)

Destacam também a necessidade do envolvimento dos secretários e professores regentes nas formações, sendo esta segundo eles de inteira importância e melhoria para a prática de inclusão do aluno público alvo da educação especial.

Sugiro para próximo ano, maior envolvimento dos secretários, pois penso que eles precisam estar mais envolvidos no processo, as vezes vejo que nós gestores acabamos por ficar sozinhos, mesmo que nos seja delegados estes atributos. (G8).

Que nos próximos encontros tenha um empenho maior para a participação de professores regentes de classe. Que melhor, que aconteça algum evento voltado para este público, que necessita muito. (G13).

Isso permite ver uma realidade presente na gestão de educação especial, onde os sujeitos envolvidos sentem-se necessitados de “respostas” para os seus desafios e anseios diários na prática, sendo assim, expressam em suas falas a necessidade de um envolvimento desses outros profissionais nas formações, tanto os secretários, que são os que supervisionam, formulam e coordenam a

política municipal de educação. Como os professores, que estão diretamente na prática com este público alvo.

Ainda sobre os anseios da prática, cabe destacar que em alguns momentos os participantes dizem dessa necessidade de nas formações aprofundar nas questões do seu dia a dia:

Uma discussão mais aprofundada na “prática” onde possamos ver qual seria “realmente” o melhor atendimento dentro da sala de aula, para a evolução pedagógica do aluno público-alvo da Educação Especial. (G13).

Que continue esses encontros. Temas: a nova lei estatuto das pessoas com deficiência, financiamento, atuação ou relato de experiências em sala de recursos, o funcionamento da educação especial nos municípios. (G10).

Diante disso, observamos que esses profissionais precisam de uma formação diferenciada, que não seja técnica, ou seja, uma formação que os leve a se ver enquanto pesquisadores e transformadores de suas próprias práticas, pois observa-se que eles estão acostumados a vir em busca de receitas prontas, tendo em vista obter uma resposta para suas ações.

## O MODELO DE FORMAÇÃO COLÓQUIO

Gostei deste novo modelo de “Formação Colóquios”, onde podemos aprender através de conversas, bate papos, tirarmos nossas dúvidas e também colaborar mais com nossas experiências. (G7).

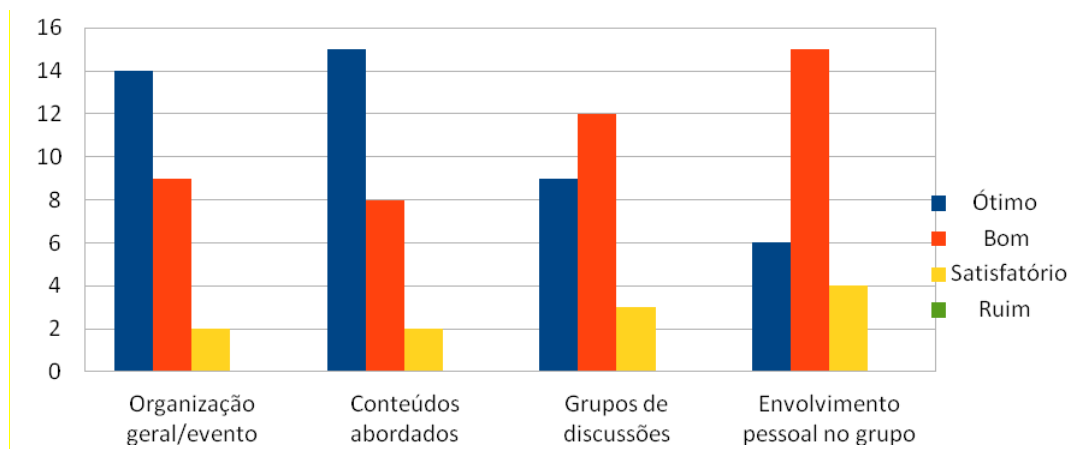
Diante desta fala, vemos a importância do diálogo nas formações, para que através dele os participantes troquem experiências e se formem, não vindo atrás de palestras e receitas prontas para resolver suas demandas, mas sim se tornem pesquisador e acreditem no seu potencial que segundo Habermas (1987) está embutido no diálogo.

Cabe destacar, que na perspectiva da pesquisa-ação assumida pelo GRUFOPEES, busca-se “[...] uma outra forma de construção de conhecimentos, ou seja, a construção com o *outro*” (ALMEIDA, 2010, p. 147). Os papéis assumidos pelos pesquisadores e participantes, vão sendo constituídos por meio do diálogo e da colaboração.

Dar-se ai a ideia de formação pela via do colóquio, que já apontado anteriormente é uma conversa. Diante disso, trazemos para este momento a

avaliação desta formação através do *gráfico 4*, feito a partir dos dados obtidos nas questões fechadas, teve em vista sua organização, conteúdos, discussões e envolvimento dos participantes, onde observamos que no geral eles avaliam como sendo ótimo o modelo de formação colóquio.

Gráfico 4- Avaliação objetiva do colóquio



Fonte: Dados obtidos a partir das questões fechadas do questionário.

Assim, os resultados apresentam que nenhum respondente considerou o modelo de formação em formato de colóquio como ruim em qualquer parte do encontro, contudo 16 % avaliam como satisfatório, no entanto 60 % deles consideraram como bom ou ótimo, sendo assim, entende-se que a formação atendeu as expectativas de modo geral dos respondentes durante todo o evento proporcionado.

#### GRUPOS DE DISCUSSÕES

Cabe destacar que, de acordo com os pontos considerados satisfatório, observa-se ainda a importância do diálogo entre os envolvidos neste processo, sendo necessárias outras formas e estratégias de/na formação que o facilitem e propiciem. Pois tivemos relatos que dizem respeito ao diálogo na formação, o qual alguns participantes como o G7 consideraram que:

As discussões foram proveitosas, no entanto esse momento que foi planejado para período da tarde talvez pudesse ter sido “melhor conduzido”, não que foi desorganizado, mais seria interessante uma condução um pouco diferente, pois acaba que chegava ao ponto de relatos do dia a dia de cada um dia. (G7).

Percebemos, que para alguns, os relatos do dia a dia não parece

interessantes, possivelmente o que buscam, são melhores práticas que colaborem para suas reflexões para suas novas ações, sendo a mesma ação necessária e urgente, com necessidades de interações acerca dos debates.

#### ENVOLVIMENTO PESSOAL NO GRUPO

Quanto ao envolvimento pessoal no grupo, vemos que 60% dos envolvidos o classificaram como bom, pois, permitiu a eles dialogarem e trocar experiências, sendo assim enriquecedor e levando-os até mesmo a entender sua responsabilidade quanto gestor, como é destacado na fala:

Foi possível relatar o trabalho desenvolvido no meu município e aprender os encaminhamentos que são de nossa responsabilidade como gestor da Educação Especial no município. (G3).

Diante disso, foi possível encaminhamentos da parte do GRUFOPEES, sendo este muito elogiado pelos os participantes, com relatos de fortalecimento e amadurecimento do grupo de pesquisa da UFES no decorrer desses anos, com encontros mais parceiros, proporcionando a todos os participantes o direito de perguntas e respostas e atendendo as necessidades e angústias, levando assim o (re)pensar do trabalhado e de futuras formações, “Para o próximo ano continuar, com as palestras que são riquíssimas para a nossa aprendizagem”(G1).

#### CONTEÚDOS ABORDADOS

Quanto aos conteúdos abordados, vide *gráfico 4* que a maioria o avalia como ótimos e ainda relatam terem sido de grande importância para a sua prática, com ressalva para as discussões na temática de financiamento, tendo em vista a clareza e objetividade com que foi abordado, o que propiciou melhor compreensão e envolvimento do grupo, uma vez que:

Enquanto técnica pedagógica da Educação Especial que atua em SRE/SEDU senti dificuldade de me envolver no tema de planejamento relacionada a finanças, por que ficamos completamente alheios a este processo dentro da secretaria estadual. (G18).

Desta forma o conteúdo fez-se necessário, uma vez que a levou ter um maior contato com o assunto e a esclarecer possíveis dúvidas, estando assim mais ciente dessas questões que para ela ficam sempre alheias em sua prática.

Com relação aos convidados/pesquisadores, foi ressaltado o conhecimentos

abordados e a pertinência de temas e relevância das informações, bem como, a troca de experiências e a contribuição desse movimento no atendimento ao público da Educação Especial, assim dizem: “As temáticas dos colóquios foram muito pertinentes, com os palestrantes com grande conhecimento nas temáticas.” (G25).

No geral o *I Colóquio sobre Formação, Pesquisa e Gestão em Educação Especial*, foi considerado marcante, satisfazendo aos participantes, com sugestões de continuidade em 2016, tendo em vista sua importância e colaboração no trabalho dos gestores, já que este modelo de formação buscou dialogar e aprofundar o processo de pesquisa-formação vivido pelos gestores públicos de Educação Especial e pesquisadores para a construção de uma política de formação continuada na perspectiva inclusiva.

## **CONCLUSÕES**

A formação em formato de colóquio, tendo em vista a aposta no diálogo, que segundo Freire (1980) é o encontro dos homens, que nos leva a refletir e agir, buscando a transformação, permitiu a reflexão de um modelo de formação diferenciada, que não seja técnico, mas que permita aos envolvidos se autoformar, dialogar e refletir para assim transformar sua prática através de seu potencial. Assim, apontamos aqui, algumas avaliações que nos foram permitidas fazer durante as análises, levando-nos a refletir sempre na melhoria de nossas formações e entendendo alguns “porquês”.

Percebemos a necessidade de repensar na estrutura dos questionários, pois observamos a ausência de dados para uma escrita mais elaborada, uma vez que nesse processo de pesquisa temos que pensar em tudo como dados e o questionário elaborado pelo grupo acabou sendo muito limitado.

Outra avaliação que fazemos para nós pesquisadores e formadores é de aprofundar o conhecimento na avaliação de “Eventos científicos”, podendo a mesma contribuir para a melhoria contínua de qualidade de eventos desta natureza e avaliar seus impactos nas comunidades envolvidas neste processo, no nosso caso, por meio da avaliação dos três encontros do colóquio.

Diante disso, ressaltamos que é indispensável que se faça e pense sempre as avaliações/questionários avaliativos de eventos científicos junto dos envolvidos,

bem como, buscar nas formações pensar o envolvimento dos sujeitos diversos que estão envolvidos na questão, como aqui o caso a Educação Especial.

Este trabalho não tem intenções de conclusões, mas de um pensar e de um envolvimento maior de todos, visando o aprofundamento do conhecimento relativo e a avaliação de “Eventos científicos”, bem como a contribuição para a formação contínua e qualificação das práticas e pesquisas na área de Educação Especial.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, M. L. de. **Uma análise da produção acadêmica sobre os usos da pesquisa-ação em processos de inclusão escolar**: entre o agir comunicativo e o agir estratégico. 2010. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

ANDRÉ, M E. D. A. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 51-64, jul. 2001.

CAETANO, Eldimar de S. Desafios e possibilidades de formação continuada pela via da prática pedagógica: forjando caminhos em/com uma turma multisseriada. 168p. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. 2007.

CARR, W.; KEMMIS, S. **Teoría crítica de la enseñanza**: la investigación-acción en la formación del profesorado. Tradução de J. A. Bravo. Barcelona: Martinez Roca, 1988.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HABERMAS, J. **Conhecimento e interesse**. Tradução de José N. Heck. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

\_\_\_\_\_. **Verdade e justificação**: ensaios filosóficos. Tradução de Milton. Editora UNESP: São Paulo/ SP. 2004.

MEIRIEU, Philippe. **O cotidiano da escola e da sala de aula**: o fazer e o compreender. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 3, n. 31, p. 521-539, 2005.

PINTO, José Marcelino de Rezende. **A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas**: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar. Ribeirão Preto (Paidéia), Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto. (1995).

ZEICHNER, K. M. **A Formação Reflexiva de Professores**: Idéias e Práticas. EDUCA, Lisboa 1993.